



**MANUAL DE NORMAS PARA TRABALHOS
CIENTÍFICOS DA FAECAD**

Mantenedora – FUNEC

José Wellington Bezerra da Costa Júnior
Presidente da FUNEC

Ronaldo Rodrigues de Souza
Diretor executivo da FUNEC

Josafá Franklin Santos Bonfim
Diretor financeiro da FUNEC

Paulo Carvalho Ribeiro
Diretor Operacional da FUNEC

Mantida - FAECAD

Isael Araujo de Moraes
Diretor Geral da FAECAD

Nelson Célio de Mesquita Rocha
Coordenador de pós-graduação, extensão e Pesquisa

Esdras Costas Bento
Coordenador do curso de Teologia

Célia Maria Paula de Barros
Ouvidora

Eurípedes da Conceição
Procurador institucional

Solange Pedroso dos Santos
Chefe da secretaria

Comissão do Manual
Brayan de Souza Lages

RIO DE JANEIRO

2021

Ficha catalográfica

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Etapas do TCC	12
Figura 2 - Estrutura do TCC.....	13
Figura 3 - Ordem do TCC.....	15
Figura 4 - Orientador	20

ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
FAECAD	Faculdade Evangélica de Tecnologia e Biotecnologia da CGADB
IES	Instituição de Ensino Superior
PPC	Projeto de Pesquisa Científico
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1. TRABALHOS ACADÊMICOS	09
1.1. LEITURA.....	09
1.2. FICHAMENTO	10
1.2.1. Composição	10
1.3. RESUMO.....	11
1.3.1. Composição	11
1.4. RESENHA	12
1.4.1. Composição	12
2. PROJETO DE PESQUISA CIENTÍFICA	12
2.1. TEMA	13
2.2. ASSUNTO	13
2.3. LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO	13
2.4. DELIMITAÇÃO DO ASSUNTO	14
2.5. PROBLEMÁTICA	14
2.6. HIPÓTESES	14
2.7. OBJETIVO GERAL	14
2.8. ROTEIRO TEMÁTICO	15
2.9. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	15
2.10. JUSTIFICATIVAS	15
2.11. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	15
2.12. CRONOGRAMA	16
2.13. APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA	16
2.14. REGRAS GERAIS	17
3. ELABORAÇÃO DA MONOGRAFIA	19
3.1. ETAPAS DO TCC	19
3.1.1. 1ª Etapa de elaboração do PPC	20
3.1.2. 2ª Etapa de elaboração do TCC	20

3.2. ESTRUTURA DO TCC	20
4. CITAÇÕES, NOTAS DE RODAPÉ E REFERÊNCIAS	22
4.1. CITAÇÕES	22
4.2. NOTAS DE RODAPÉ	22
4.3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	22
4.3.1. exemplos de notas de rodapé e referências	23
5. DA AVALIAÇÃO	25
6. DO ALUNO	26
7. DO PROFESSOR ORIENTADOR	27
8. LINHAS DE PESQUISA	28
9. APRESENTAÇÃO E DEFESA DA MONOGRAFIA	29
9.1. Direitos Autorais, Perfil do Aluno e Ficha Catalográfica	30
10. ARTIGO CIENTÍFICO	30
11. REFLEXÃO SOBRE A ÉTICA NA PESQUISA	31
12. ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO.....	34
CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	37

APÊNDICES

APÊNDICE – A	38
APÊNDICE – B	39
APÊNDICE – C	40
APÊNDICE – D	42
APÊNDICE – E	51
APÊNDICE – F	55

INTRODUÇÃO

O presente manual de normas para trabalhos científicos, baseado na Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), destina-se a orientar os alunos dos cursos presenciais e na modalidade EAD (Educação a Distância) de graduação e pós-graduação da Faculdade Evangélica de Ciências, Tecnologia e Biotecnologia da CGADB (FAECAD), permitindo-lhes enfrentar com tranquilidade o desafio de concluir com êxito o processo de titulação. Pretende, também, contribuir para a padronização dos textos produzidos pelo corpo docente e discente na Instituição de Ensino Superior (IES).

O trabalho destaca um conjunto de recomendações fundamentais para apresentação das monografias ou trabalhos de conclusão de cursos (TCCs), relacionando as informações e procedimentos necessários para a elaboração do texto de acordo com a ABNT. Sugere algumas formas de diagramação do texto seguindo os padrões mais utilizados para que o graduando e o pós-graduando tenham alternativas de escolha de acordo com as características de sua área de estudo. Quanto às questões relativas à ortografia e à gramática, já existem excelentes publicações. Assim, é fundamental que o aluno esteja atento às mudanças ocorridas na língua portuguesa, e que os trabalhos sejam elaborados segundo as normas já regulamentadas. Para isso, o aluno deverá consultar obras que tratam acerca da nova ortografia da língua portuguesa.

O corpo docente da FAECAD deve estar atento ao conteúdo do presente trabalho, solicitando dos discentes trabalhos acadêmicos dentro das normas expostas, no sentido de prepará-los também para o trabalho final, o TCC. O manual que está em posse dos professores e dos alunos é fruto de grande trabalho em equipe. Os coordenadores e o professor responsável pela disciplina de Metodologia Científica do curso de Teologia reuniram-se para construir o manual. O presente manual obviamente não substitui completamente a ABNT. Não é de interesse reproduzir todas as normas existentes, mas sim, pretende-se reunir em um só caderno aquelas que foram entendidas como as mais relevantes. Portanto, pode ocorrer que em casos específicos o professor ou o aluno deva recorrer à ABNT. Por fim, desejamos bons estudos aos leitores.

1. TRABALHOS ACADÊMICOS

O presente capítulo tem por objetivo apresentar os textos acadêmicos mais utilizados no ambiente universitário. O ambiente acadêmico traz novas exigências para o aluno, o mesmo às vezes se encontra distante do ensino regular por alguns anos, e se encontra sem ritmo de escrita e leitura, há também alunos que mesmo no ensino regular não desenvolveram o prazer da escrita e da leitura. Já os alunos que tomaram ao longo de sua trajetória gosto pela atividade acadêmica, procuramos apresentar o modelo normativo utilizado por nossa instituição. Ainda sobre esse novo momento da vida do aluno, faz-se necessário adaptar-se ou readaptar-se à realidade acadêmica, que é construída através de esforço e exercício constante.

1.1 LEITURA

Antes do aluno conseguir produzir um bom texto, ele precisa aprender a fazer uma leitura correta a partir da perspectiva exigida pelo ambiente acadêmico. “Os maiores obstáculos da aprendizagem estão relacionados com a correspondente dificuldade que o estudante encontra na compreensão dos textos teóricos”¹. Para Dalberio e Dalberio, no momento da leitura deve-se observar os seguintes aspectos:

É importante observar que um parágrafo é composto de cinco elementos: ideia básica, argumento, justificativas, ideias secundárias e ilustrações. Ideia básica é aquela que norteia o raciocínio. Argumento é a maneira pela qual o autor desenvolve, interliga e constrói sua ideia sobre o assunto abordado. Justificativas são os supores teóricos ou metodológicos, e indicações de outros autores ou teorias. Ideias secundárias são aquelas que complementam a central. Ilustrações são exemplos, tabelas, gráficos, fotografias, enfim, tudo o que serve para ilustrar, possibilitando ao leitor visualizar sob outras formas a ideia-núcleo do parágrafo e do texto.²

A leitura do texto acadêmico não deve ser feita da mesma maneira que se lê um texto comum. Princípios devem ser observados no momento do estudo, ele deve ser encarado como algo rotineiro e adaptado a realidade do estudante, questões básicas devem ser respeitadas, tais como: a) ter um local silencioso, bem iluminado e confortável; b) não deixar que elementos estranhos ao estudo interfiram; c)

¹ Cf. SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 27. ed. São Paulo: Cortez, 2007, p. 49.

² DALBERIO, Osvaldo; DALBÉRIO, Maria Célia Borges. **Metodologia Científica: desafios e caminhos**. São Paulo: Paulus, 2009, pp. 32-33.

estabelecer uma rotina constante de estudo; d) exercitar o novo conhecimento apreendido de maneira natural sempre que possível.

Para Severino, as “diretrizes para leitura, análise e interpretação de texto devem seguir as seguintes etapas”³: a) delimitação da unidade de leitura consiste em definir um texto com sentido completo, ou seja, determinar o capítulo, livro, artigo ou texto a ser lido; b) análise textual consiste em ler o texto de maneira não tão pretenciosa, pontuando questões que carecem de esclarecimento e aspectos relevantes sobre a vida do autor; c) análise temática todo texto acadêmico possui uma problemática, isso significa dizer que, na análise temática busca-se compreender qual o problema levantado pelo autor, sem fazer proposições pessoais; d) análise interpretativa consiste em literalmente dialogar com o autor, na medida em que se busca comparar as ideias apresentadas com outras já conhecidas sobre o assunto e criticá-las; e) problematização levantamento de questões relevantes do texto que podem ser problematizadas geralmente em grupo; f) Síntese pessoal consiste no exercício de se reelaborar o texto a partir da reflexão pessoal.

1.2 FICHAMENTO

Tem por objetivo facilitar um futuro retorno ao texto pelo leitor. Isso significa dizer que, o fichamento é um texto acadêmico que agiliza a vida do aluno quando ele precisar ler novamente um texto já analisado, no ambiente universitário muitos trabalhos serão exigidos do aluno, por isso é importante que ele faça bons fichamentos dos textos passados pelos professores. Na medida em que o estudante conseguir de maneira objetiva e resumida apresentar um bom fichamento, ele não precisará ler todo o livro, capítulo ou artigo quando for necessário novamente.

1.2.1 Composição

Deve ser composto basicamente por: a) cabeçalho; b) especificação do texto; c) referência; d) principais ideias do autor; e) um resumo com aproximadamente 200 palavras. Exemplo no **APÊNDICE – A**.

³ SEVERINO, 2007, p. 49.

1.3 RESUMO

É uma das atividades mais pedidas pelos professores como método de avaliação dos alunos universitários. O resumo não deve ser encarado como algo simples e nem tão pouco deve ser feito de maneira displicente, pelo contrário, é um excelente exercício para demonstrar a capacidade cognitiva do aluno, pois o texto deve ser escrito com as palavras do aluno, de maneira que consiga expressar de maneira sucinta e objetiva as principais ideias expostas pelo autor do texto lido. Na parte final do resumo deve-se colocar as palavras-chave do texto para melhor compreensão. A ABNT NBR 6028:2003 apresenta três tipos de resumo, a saber: resumo crítico, resumo indicativo e resumo informativo.

Quanto ao resumo crítico, diz-se que: “Resumo redigido por especialistas com análise crítica de um documento, também chamado de resenha. Quando analisa apenas uma determinada edição entre várias, denomina-se *recensão*”⁴. Quanto ao resumo indicativo: “Indica apenas os pontos principais do documento, não apresentando dados qualitativos, quantitativos etc. De modo geral, não dispensa a consulta ao original”⁵. Quanto ao resumo informativo: “Informa ao leitor finalidades, metodologia, resultados e conclusões do documento, de tal forma que este possa, inclusive, dispensar a consulta ao original”⁶. No ambiente acadêmico, os dois tipos de resumos que serão mais pedidos serão o crítico (resenha) e o informativo, por isso devem ser os mais treinados pelos alunos.

1.3.1 Composição

Deve ser composto basicamente por: a) cabeçalho; b) especificação do texto; c) referência; d) um resumo com aproximadamente 250 palavras; e) palavras-chave. Exemplo no **APÊNDICE – B**.

⁴ ABNT, NBR 6028. **Resumo – apresentação**. Rio de Janeiro: ABNT, 2003, p.1.

⁵ ABNT, 2003, p.1.

⁶ ABNT, 2003, p.1.

1.4 RESENHA

A resenha é talvez o texto acadêmico mais complexo de ser produzido, devido ao seu caráter que exige uma crítica ao texto do autor. Geralmente se pede uma resenha de uma obra completa, porque no seu corpo deve ter bem desenvolvido os principais pontos abordados e uma reflexão crítica inteligível do leitor, na medida que essa crítica pode aparecer ao longo do texto ou no último parágrafo. A resenha não possui limite de páginas, porém, deve respeitar uma proporcionalidade entre o tamanho do texto lido e a capacidade crítica do leitor. Uma outra característica da resenha é que, ela pode conter frases do autor entre aspas e com a numeração da página que expressem exatamente o núcleo central do texto.

1.4.1 Composição

Deve ser composto basicamente por: a) cabeçalho; b) especificação do texto; c) referência; d) não possui limite de laudas e) é dividida por parágrafos; f) sua estrutura é dividida em introdução, desenvolvimento e conclusão. Exemplo no **APÊNDICE – C**.

2. PROJETO DE PESQUISA CIENTÍFICA

É de suma importância que o estudante entenda a relevância da construção de um bom projeto de pesquisa científica (PPC) ou pré-projeto como é comumente chamado. Não se constrói um edifício sem antes fazer uma estrutura adequada, de igual modo não se faz um bom TCC sem antes atentar-se para a correta feitura do PPC. O pré-projeto aqui utilizado serve para qualquer TCC, seja ele na graduação e na pós-graduação, sendo ele *lato* ou *stricto sensu*. O que muda, na verdade é o nível de sofisticação exigido na realização de cada PPC.

O pré-projeto é um grande momento na vida do estudante, é a oportunidade de demonstrar em qual área ele possui mais interesse e conseqüentemente focará a sua pesquisa. Os passos não foram enumerados sem propósito, justamente o oposto se pretende com essa ordem. O estudante seguindo cada ponto de maneira adequada perceberá que há um elo de ligação entre o trajeto, não se deve tentar fazer fora de

ordem, pois senão, fatalmente incorrerá em algum erro metodológico. Para melhor visualização do aluno o exemplo do PPC pode ser encontrado no **APÊNDICE – D**.

2.1 TEMA

É a parte mais abrangente em que se encontra o objeto a ser pesquisado. O tema literalmente deve ser abrangente, em certos momentos é até uma disciplina que foi estudada pelo aluno. Deve-se pensar o tema como uma de três partes de um funil, na medida em que é a primeira parte, ou seja, a boca que é a maior das três partes. Deve ser uma área de conhecimento dentro do curso estudado, e que acima de tudo, seja sujeita a levantamento de uma problemática e com uma bibliografia já estabelecida. Exemplos de temas: a) ensino religioso; b) ética cristã; c) metodologia científica.

2.2 ASSUNTO

Continuando a metáfora do funil, o assunto é a segunda de três partes, pois ele é o primeiro afunilamento para o objeto de pesquisa. O assunto está dentro do tema, ou seja, é uma parte menor do tema. Nesse momento o aluno já deve ter ciência de uma maneira mais específica o que ele deseja pesquisar. Seguindo os exemplos do tópico 2.1. Exemplos: a) práticas didáticas do ensino religioso; b) a liberação do aborto no Brasil; c) potencialidades interpretativas dos textos acadêmicos.

2.3 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Toda pesquisa acadêmica carece de levantamento bibliográfico prévio. Isso significa dizer que, se o aluno não conseguir achar textos especializados no assunto, ele não tem como dar prosseguimento na sua pesquisa. Para facilitar esse processo convém que o estudante busque o auxílio do seu professor orientador, devido a sua maior experiência na área ele pode possibilitar uma bibliografia mais condizente com os objetivos pretendidos na pesquisa do orientando. Entretanto, em certas situações o objeto de pesquisa do aluno é muito específico, e não há um texto que trate exatamente daquela problemática, quando isso acontecer pode ser possível uma adaptação bibliográfica, na medida em que se adaptará o horizonte teórico de assuntos semelhantes para a realidade o objeto de pesquisa do aluno. Tudo com a devida

orientação do professor. Busque sempre obras de autores já experimentados no meio acadêmico, evite colocar autores como principal fonte que não são relevantes para o meio acadêmico.

2.4 DELIMITAÇÃO DO ASSUNTO

Ainda sobre a metáfora do funil, a delimitação do assunto é a terceira e última parte. Se o tema é a parte mais abrangente e se refere a boca, o assunto o primeiro afunilamento, a delimitação corresponde ao bico do funil. É o corte geralmente histórico, geográfico, metodológico, filosófico ou conceitual de uma pesquisa. É o momento em que o autor demonstra a individualidade de sua pesquisa, como momento mais específico para a construção do objeto de pesquisa.

2.5 PROBLEMÁTICA

A problemática é a pergunta que a pesquisa tem por pretensão responder. A problemática não deve ser feita a partir de uma pergunta simplista, mas sim, um exercício de reflexão que gere a necessidade real de uma pesquisa acadêmica, se assim não o for, não há motivo para se fazer a pesquisa. Deve ser também uma pergunta viável de ser respondida, evitando confusões interpretativas.

2.6 HIPÓTESES

São as respostas provisórias tanto de negação ou afirmação que o estudante tem acerca da problemática da pesquisa, antes mesmo de completar o seu estudo. Também não deve ser escrita de maneira simplista, mas sim, de maneira a já demonstrar uma argumentação condizente com o ambiente acadêmico, escrita de maneira objetiva e reflexiva sobre o tema escolhido.

2.7 OBJETIVO GERAL

É onde se pretende chegar com a pesquisa. Deve ser escrito objetivamente e utilizando-se dos verbos acadêmicos.

2.8 ROTEIRO TEMÁTICO

O roteiro temático tem por objetivo descrever de que maneira o aluno abordará o seu objeto de pesquisa ao longo dos capítulos e tópicos. Deve ser escrito de maneira dissertativa, clara e concisa. Evitando informações estranhas ao objetivo principal da pesquisa.

2.9 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Como a faculdade trabalha com três capítulos, o PPC do aluno também terá três objetivos específicos. Cada objetivo específico representa os degraus para alcançar o objetivo geral da pesquisa. Ele também representa de forma atomizada o roteiro temático, por isso deve ser bem específico quando a sua construção.

2.10 JUSTIFICATIVAS

É comum que esta seja a maior parte do PPC, pois é a que exige maior capacidade de interconexão entre cada um dos pontos já escritos pelo aluno. Esse é o momento que o aluno demonstra a importância de se pesquisar sobre esse assunto. Na medida em que apresenta o diálogo entre o teórico e o prático. É importante saber que a justificativa tem três instâncias, a saber: pessoal, acadêmica e social. É dever do aluno se identificar como sujeito pesquisador, para que fique claro de que posição ele está enxergando o problema. Deve também, apresentar a partir dos seus principais autores a viabilidade do êxito na pesquisa, e conseqüentemente sua contribuição para a academia. Por fim, a academia tem o dever de apresentar os conhecimentos adquiridos ao cidadão, pois é desta maneira que podemos contribuir para o enriquecimento do debate na esfera pública, exercendo assim nossa contribuição para a sociedade.

2.11 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

De maneira simplificada existem duas grandes maneiras de se fazer pesquisa, a saber: a primeira é bibliográfica e a segunda através da pesquisa de campo. O aluno deve escolher em qual dessas duas grandes áreas ele vai posicionar a sua pesquisa,

de maneira que explique metodicamente quais os caminhos que ele percorrerá para a realização da sua pesquisa. Pode ser feita de maneira descritiva ou até mesmo em forma de tópicos enumerados, o mais importante é que deixe claro o “como” fará a pesquisa.

2.12 CRONOGRAMA

Tanto os alunos como os professores possuem responsabilidades extra acadêmicas. Com isso, devemos respeitar os prazos e os limites que foram estipulados pelo próprio aluno juntamente com o calendário da instituição, assim, evita-se imbróglis desnecessários. O cronograma deve especificar até em que data o aluno deve entregar para o seu orientados as etapas da sua pesquisa.

2.13 APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA

A partir das orientações da “ABNT NBR 15287:2011”⁷, “ABNT NBR 6023”⁸, “ABNT NBR6027”⁹ e “ABNT NBR 6028”¹⁰ o aluno deve seguir as seguintes especificações:

- Capa;
- Folha de rosto;
- Sumário;
- 1. Identificação do aluno;
- 2. Tema;
- 3. Assunto;
- 4. Delimitação do assunto;
- 5. Problemática;
- 6. Hipóteses;
- 7. Objetivo geral;
- 8. Roteiro temático;
- 9. Objetivos específicos;

⁷ ABNT, NBR 15287:2011. **Projeto de Pesquisa - Apresentação**. Rio de Janeiro: ABNT, 2011.

⁸ ABNT, NBR 6023. **Referências - Elaboração**. Rio de Janeiro: ABNT, 2002, p.1.

⁹ ABNT, NBR 6027. **Sumário – Apresentação**. Rio de Janeiro: ABNT, 2003, p.1.

¹⁰ ABNT, NBR 6028, 2003, p.1.

10. Justificativas;
11. Procedimentos metodológicos;
12. Cronograma;
13. Referências.

2.14 REGRAS GERAIS

- a) formato da folha: A4 (21 cm x 29,7);
- b) margens: para o anverso, esquerda e superior 3 cm e direita e inferior de 2 cm. Para o verso, direita e superior 3 cm e esquerda e inferior 2 cm;
- c) espaçamento entre linhas: 1,5 cm (não se deve adicionar espaço antes e nem depois do parágrafo);
- d) fonte: Times New Roman em tamanho 12. Tamanho 10 para citações diretas com mais de três linhas;
- e) títulos maiúsculos e negrito; tópicos somente maiúsculos; isotópicos somente a primeira letra em maiúsculo e em negrito;
- f) capa: nome da instituição centralizado, a 3 cm da margem superior; nome do pesquisador centralizado, na marca de 6 cm da régua à esquerda; o título do trabalho centralizado, na marca de 12 cm da régua à esquerda; local centralizado, acima do ano; ano centralizado, a 2 cm da margem inferior da folha;
- g) folha de rosto: nome do pesquisador centralizado, na marca de 6 cm à esquerda; título do trabalho centralizado, na marca de 12 cm da régua à esquerda; dados sobre a instituição, finalidade e orientador devem estar em tamanho 10, logo abaixo do título e à direita, a partir do meio da folha; local da instituição e ano do depósito na parte inferior centralizado, a 2 cm da margem inferior da folha;
- h) espaçamento do rodapé: deve ser 0 cm;
- i) margem para ilustração: 2 cm;
- j) o projeto não aprovado deve ser devolvido imediatamente ao (s) aluno (s) com os comentários e orientações do professor-orientador, para que seja reformulado ou refeito e novamente encaminhado para análise e parecer final;

- k) em caso de três reprovações, o aluno só terá oportunidade no período letivo seguinte;
- l) após aprovação do projeto serão permitidas pequenas mudanças que não comprometam as linhas básicas, desde que com autorização do professor orientador;
- m) a mudança do tema da pesquisa acarretará a necessidade de apresentação de novo projeto, ficando a critério de a Coordenação autorizar a mudança e definir novo cronograma;
- n) alinhamento de parágrafos: parágrafos de texto, citações longas, notas de rodapé, epígrafes e bibliografia devem ser justificados. Caso seja possível, recomenda-se a utilização de hifenização para evitar grandes espaços brancos no texto. Os títulos e subtítulos devem ser alinhados pela margem esquerda da página;
- o) numeração de páginas: a contagem das páginas, para efeito de numeração, deve começar a partir da primeira folha do trabalho (folha de rosto). A capa não faz parte da numeração. A numeração é feita com algarismos arábicos nas páginas do texto, em conjunto com o cabeçalho, caso esse exista. Os algarismos das páginas do texto devem estar situados no alto das páginas, à direita. Para facilitar a organização do trabalho, podem ser criados arquivos separados para cada parte do trabalho: elementos pré-textuais, elementos textuais e elementos pós-textuais;
- p) todos os capítulos, incluindo-se a Introdução, devem iniciar com nova página. Recomenda-se o sistema de numeração progressiva adotado pela ABNT (NBR 6024) para os capítulos e subcapítulos. O excesso de subdivisões deve ser evitado; sugere-se não ultrapassar o máximo de cinco algarismos;
- q) cor da impressão: a cor preta da impressão deve ser usada para todos os trabalhos. Fotografias, ilustrações, tabelas e quadros poderão ser coloridos;
- r) as citações devem ser em formato nota de rodapé. Fonte Times New Roman, tamanho 10 e espaçamento simples.

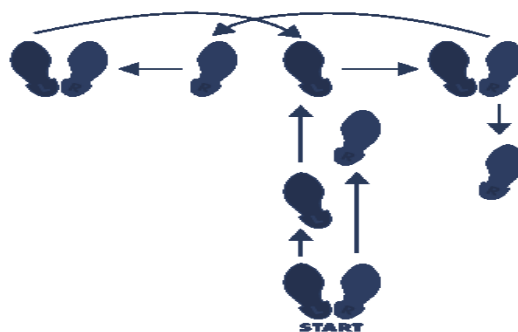
3. ELABORAÇÃO DA MONOGRAFIA

Entende-se por TCC a produção científica individual do aluno entregue na forma de trabalho monográfico ou artigo científico, sendo a monografia o instrumento de avaliação na graduação e o artigo científico o instrumento de avaliação na pós-graduação. O TCC deverá refletir: a) a consolidação dos conhecimentos construídos durante o curso e/ ou disciplinas; b) a formação básica, científica, técnica, sociopolítica; c) a capacidade investigativa e produtiva do aluno; d) O aprimoramento da capacidade de interpretação e crítica científica. Os objetivos gerais de conclusão de curso são os de propiciar aos alunos do curso de graduação da FAECAD ocasião de demonstrar o grau de habilitação adquirido, o aprofundamento temático, o estímulo à produção científica, a consulta de bibliografia especializada e o aprimoramento da capacidade de interpretação e crítica do profissional docente da área de sua escolha. A Monografia é realizada ao final do curso e é requisito necessário à conclusão do curso escolhido. A coordenação do curso estabelecerá todas as fases e cronogramas para elaboração e apresentação do projeto e da monografia.

3.1 ETAPAS DO TCC

A elaboração do trabalho de conclusão de curso compreende as seguintes etapas: a) A entrega do projeto ao professor-orientador; b) Redação e apresentação do TCC ao Coordenador de Curso através do orientador.

Figura 1 - Etapas do TCC



Fonte: Domínio público (2018)

3.1.1 1ª Etapa de elaboração do PPC

Elaboração do projeto (disciplina de TCC I)

- a) Construção do projeto de pesquisa científico (PPC);
- b) Delineamento geral do trabalho, em texto escrito, em duas vias, até trinta dias antes do final do período letivo, para avaliação parcial;
- c) Execução das correções solicitadas.
- d) Entrega e aprovação do PPC

3.1.2 2ª Etapa de elaboração do TCC

Desenvolvimento da Monografia (disciplina TCC II):

- a) Escrita dos elementos textuais;
- b) Escrita dos elementos pós e pré-textuais;
- c) Execução das correções solicitadas;
- d) Digitação definitiva do trabalho e entrega em (três vias), de acordo com as especificações técnicas, até 30 (trinta dias) antes do término do semestre letivo.
- e) Aguardar agendamento da coordenação para apresentação da monografia.

3.2 ESTRUTURA DO TCC

A estrutura do trabalho científico, como o TCC, compreende elementos pré-textuais, elementos textuais e elementos pós-textuais. Para melhor visualização ver **APÊNDICE E – MONOGRAFIA**. Os elementos e a ordem de apresentação deles no trabalho são os seguintes:

- a) Elementos Pré-Textuais:
 - capa (obrigatório);
 - folha de rosto (obrigatório);
 - ficha catalográfica; (deixa-se o espaço e a biblioteca fornece a numeração)
 - errata (opcional);
 - folha de aprovação (obrigatório);

dedicatória (opcional);
 epígrafe (opcional);
 agradecimentos (opcional);
 resumo em língua vernácula (obrigatório);
 resumo em língua estrangeira (obrigatório);
 lista de ilustrações (opcional);
 lista de tabelas (opcional);
 lista de abreviaturas e siglas (opcional);
 lista de símbolos (opcional);
 sumário (obrigatório).

b) Elementos Textuais:

introdução (obrigatório);
 desenvolvimento do trabalho (obrigatório);
 conclusão (obrigatório).

c) Elementos Pós-Textuais:

referências (obrigatório);
 glossário (opcional);
 apêndice (opcional);
 anexo (opcional).

Figura 2 - Ordem do TCC



Fonte: Domínio público (2018)

4 CITAÇÕES, NOTAS DE RODAPÉ E REFERÊNCIAS

4.1 CITAÇÕES

A citação acadêmica é um trecho retirado da obra de outro autor. Ela auxilia na escrita do pesquisador, na medida em que atesta o pensamento proposto, atomiza a principal ideia abordada no texto ou parágrafo e demonstra o conhecimento do aluno sobre outros autores. Existem três tipos de citações acadêmica:

- a) direta com até três linhas, deve estar no corpo do texto e entre aspas duplas;
- b) direta com mais de três linhas, deve estar em outro parágrafo, sem aspas, com fonte 10 e com recuo de 4 cm à direita;
- c) indireta com até três linhas, deve estar entre aspas duplas, no corpo do texto e na nota de rodapé o nome do autor de ser precedido por “Cf.” (conforme).

Para melhor visualização do aluno, tome como exemplo as citações já feitas no capítulo 1 e tópico 1.1 desta mesma obra.

4.2 NOTAS DE RODAPÉ

A nota de rodapé é a maneira de referenciar academicamente um pensamento retirado de outro texto. Serve também, para fundamentar a afirmação do aluno de maneira precisa e segura. A referência é constituída de elementos essenciais e, quando necessário, acrescida de elementos complementares. Elementos essenciais são as informações indispensáveis à identificação do documento. Os elementos essenciais estão estritamente vinculados ao suporte documental e variam, portanto, conforme o tipo. Os elementos complementares são retirados do próprio documento. Quando isso não for possível, utilizam-se outras fontes de informação, indicando-se os dados obtidos entre colchetes. Para exemplos ver subcapítulo **4.3.1**.

4.3 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

É o conjunto padronizado de elementos descritivos, retirados de um documento, que permite sua identificação individual. Deve ser em ordem alfabética e logo

após a conclusão do TCC. As referências são alinhadas somente à margem esquerda, tem espaço simples e separadas entre si por espaço duplo. O recurso tipográfico (negrito, grifo ou itálico), utilizado para destacar o elemento título deve ser uniforme em todas as referências de um mesmo documento. Isso não se aplica a obras sem indicação de autoria, ou de responsabilidade, cujo o elemento de entrada é o próprio título, já destacado pelo uso de letras maiúsculas na primeira palavra, com exclusão de artigos definidos e indefinidos e palavras monossilábicas.

4.3.1 exemplos de notas de rodapé e referências

a) autor pessoal;

BENTHO, Esdras Costa. **Da História à Palavra**: a teologia da revelação em Paul Riccouer. São Paulo: Reflexão, 2016.

CAIRNS, Earle Edwin. **O cristianismo através dos séculos**: uma história da igreja cristã. [Tradução: Israel Belo de Azevedo, Valdemar Kroker.]. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CARVALHO, César Moisés de. **Pentecostalismo e Pós-Modernidade**: quando a experiência sobrepõe-se à Teologia. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

LENOX, John C. **Contra a Correnteza**: a inspiração de Daniel para uma época de Relativismo. [Tradução: Luís Arion de Macedo]. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

b) dois autores;

CARVALHO, S. P.; SOUZA, P. R. **Organização de ensino**: resistências sociais. Rio de Janeiro: Moderna, 1987, p. 32.

c) três autores;

OLIVEIRA, M. A.; COUTO, J. A.; MENEZES, L. C. **Estudos comparados sobre construção de redes locais**. São Paulo: Unitec, 1999, p. 49.

d) mais de três autores;

FONSECA, E. T. et al. **Estudos de economia aplicada**. Brasília: Ipea, 1996, p. 87.

- e) organizador;
MENDONÇA, L. P. (Org.). **O psicólogo e a escola**. São Paulo: USC, 1991, p.55.
- f) editor;
GARCIA, P. (Ed.). **Construtivismo del movimiento educacional**: soluciones y tecnicas. Madrid, Santillana, 1990, p. 14.
- g) autor desconhecido;
PROBLEMAS do setor educacional brasileiro. São Paulo: MEC, 1993, p. 66.
- h) autor entidade;
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, NBR 14724: informação e documentação – **apresentação**. Rio de Janeiro, 2001, p. 2.
- i) denominação específica;
ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Relatório da diretoria geral**: 1984. Rio de Janeiro, 1985, p. 32.
- j) séries e coleções;
TULER, M. **Pedagogia pastoral**: liderança com enfoque no ensino. Rio de Janeiro: CPAD, 2005, p. 45. (Série Ensinador Cristão).
- l) artigos científicos;
LAGES, Brayan de Souza. A PLAUSIBILIDADE DA AÇÃO DO CAPELÃO NO MILITARISMO HISTÓRICO BRASILEIRO. **UNITAS-Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões**, v. 4, n. 2, p. 29-43, 2016.
- m) citação de internet;
BRASIL. **Lei nº 6.923, de 29 de junho de 1981**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF: Senado, 1981. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L6923compilado.htm>. Acesso em: 10 set. 2017.

n) teses, dissertações e monografias;

OTT, Margot Bertolucci. **Tendências ideológicas no ensino de primeiro grau**. 1983. 214 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1983.

5. DA AVALIAÇÃO

Serão considerados como elementos de avaliação: a) quanto à **forma** (utilização do português correto, utilização da ABNT de maneira correta, e o enquadramento estético do trabalho); b) quanto ao **conteúdo** (formulação adequada da problemática, qualidade da bibliografia e consistência de argumento); c) quanto à **metodologia** (essa deve ser dada pelo professor orientador, consiste em mostrar para o aluno orientando qual o melhor método para ser utilizado na referida pesquisa, sendo importante dizer que, o aluno não é obrigado a aceitar a metodologia proposta para o aluno).

Na nota e/ou conceito final atribuído (a) ao(s) aluno(s) para o TCC deverão ter sido pontuadas distintivamente as várias etapas da construção do trabalho experimental – etapas definidas pelo colegiado de Curso – e/ou monografias, quais sejam: planejamento do estudo; coleta e análise de dados empíricos e/ou bibliográficos, redação final, apresentação. Para aprovação, o aluno deve obter nota final igual ou superior a sete. Caso o aluno obtenha como resultado de avaliação final uma nota inferior a sete e superior a cinco, terá o prazo de 15 (quinze) dias para nova exposição oral e escrita. Entregues as cópias do TCC, com as alterações realizadas, procede-se a uma nova avaliação, na forma prevista. A cópia do exemplar com a avaliação, assinada pelos professores, será encaminhada à biblioteca. O aluno que não entregar o TCC, sem motivo justificado, está automaticamente reprovado. Esgotadas as oportunidades de aprovação, o aluno reinicia todo o processo de construção do TCC, ficando ao seu critério continuar ou não com o mesmo tema ou com o mesmo orientador.

6. DO ALUNO

É considerado aluno em fase de elaboração do TCC todo aquele regularmente matriculado na disciplina TCC I. O aluno em fase de realização de TCC tem, entre outros, os seguintes deveres específicos:

- a) o aluno deve enquadrar o seu TCC dentro de uma das quatro linhas de pesquisa disponíveis para orientação, são elas: Pentecostalismo e Modernidade; Teologia Pública; Teologia Bíblica e Fé e Cultura.
- b) frequentar as reuniões convocadas pelo Coordenador de Curso ou pelo seu orientador nos horários pré-estabelecidos;
- c) manter contatos, no mínimo mensais, com o professor orientador, para discussão e aprimoramento de sua pesquisa, devendo justificar eventuais faltas;
- d) apresentar ao professor orientador um cronograma das atividades a serem desenvolvidas;
- e) entregar relatórios escritos ao professor-orientador em datas pré-fixadas;
- f) cumprir os prazos estabelecidos e divulgados pela Direção da Faculdade e/ou Coordenação do Curso para entrega de projetos, relatórios parciais e TCC;
- g) elaborar a versão final de seu TCC atendendo ao que dispõe a presente norma;
- h) entregar na secretaria da faculdade e/ou Coordenador do Curso, no prazo estabelecido, as cópias do seu TCC na(s) forma(s) estipulada(s) (impressa, digital ou que utiliza meio eletrônico) para apreciação, após revisão e liberação do professor-orientador;

7. DO PROFESSOR ORIENTADOR

Figura 3 - Orientador



Fonte: Domínio público (2018)

Estará apto a orientar monografia todo docente de Curso que possua, preferencialmente, título de Mestre ou Doutor. A troca de professor orientador só é permitida quando outro docente assumir formalmente a orientação, após anuência expressa do professor substituído e aprovação do Coordenador do Curso. O professor-orientador tem, entre outros, os seguintes deveres específicos:

- a) frequentar as reuniões convocadas pela Direção da Faculdade ou Coordenador do Curso;
- b) orientar a elaboração do TCC em encontros periódicos, em horários previamente agendados; aluno ou grupo passou;
- c) entregar, no final, para o Coordenador do Curso, um relatório devidamente preenchido e assinado de suas atividades de orientação e das várias etapas pelas quais o aluno ou grupo passou.
- d) participar de bancas de defesa para as quais estiver designado, obrigatoriamente as de seus orientandos, devendo, neste momento, assinar as fichas de avaliação dos TCC's e as atas finais das sessões de defesa.

A responsabilidade pela elaboração do TCC é integralmente do(s) aluno(s), o que não exime o professor-orientador de desempenhar adequadamente, dentro das normas definidas, as atribuições decorrentes da sua atividade de orientação. O professor-orientador acompanhará a elaboração do trabalho de pesquisa desde a construção do projeto até a apresentação final da Monografia à Banca Avaliadora.

8. LINHAS DE PESQUISA

A Faculdade FAECAD possui quatro áreas disponíveis para pesquisa. Todo estudante deve se enquadrar em uma das linhas para poder desenvolver o seu TCC, o aluno terá orientação de um dos professores das áreas de concentração de acordo com a linha de pesquisa escolhida. São elas:

Pentecostalismo e Modernidade: Destina-se ao diálogo entre a teologia pentecostal e as questões suscitadas pela modernidade e sua crise. Destacam-se questões como carisma, Deus e o ser humano, diálogo na modernidade e a transversalidade com outras áreas do saber (sociologia, antropologia e história).

Teologia Pública: Destina-se à reflexão da teologia com um olhar preferencial à sociedade e esfera pública. Destacam-se questões como cidadania, feminismo, teologia negra, ética e a transversalidade com outras áreas do saber (filosofia, sociologia, antropologia e história).

Teologia Bíblica: Destina-se à interpretação e análise dos textos bíblicos do Antigo e Novo Testamento. Utiliza-se de métodos próprios exegéticos e hermenêuticos. Possui transversalidade com outras áreas do saber (literatura, história e arqueologia).

Fé e Cultura: Destina-se à reflexão entre fé cristã e a cultura humana em suas diferentes instâncias. Busca aproximações e novas leituras sobre a eclesiologia, pastoral e missão da igreja no contexto contemporâneo. Possui transversalidade com outras áreas do saber (antropologia, história, literatura e ensino).

9. APRESENTAÇÃO E DEFESA DA MONOGRAFIA

As sessões de apresentação e defesa das monografias são públicas. Na apresentação do trabalho, o aluno terá até vinte minutos para sua exposição do trabalho, a banca examinadora terá até quinze minutos para fazer as considerações e arguições, dispondo o aluno de até quinze minutos para responder. A monografia será apresentada e defendida pelos acadêmicos perante banca examinadora composta pelo professor-orientador e por mais dois membros titulares, indicados pela coordenação do Curso. Um dos membros da Banca poderá ser professor visitante, de outra IES, convidado previamente pela FAECAD. A presidência da banca será nomeada pela coordenação do Curso. A Banca examinadora somente poderá instalar-se com a presença de três membros.

As notas serão atribuídas após o encerramento da etapa de considerações e arguição, individualmente por cada examinador, levando em consideração o trabalho escrito, sua exposição oral e as respostas às arguições da banca examinadora: a) serão utilizadas fichas de avaliação individuais, para a atribuição das notas, nas quais os membros da banca atribuirão nota para cada item considerado; b) a nota final do acadêmico será o resultado da média aritmética das notas atribuídas em cada item pelos membros da banca examinadora; c) para aprovação, o acadêmico deverá obter nota final igual ou superior a sete (numa escala de zero a dez).

A banca examinadora poderá sugerir ou exigir que o acadêmico reformule aspectos de sua monografia: a) o prazo para apresentar as alterações será de trinta dias a contar da data da apresentação e defesa; b) após a entrega das cópias da monografia, com as alterações realizadas e o visto do professor-orientador, estará concluída a etapa de avaliação.

A ata de avaliação final, assinada por todos os membros da banca examinadora, permanecerá arquivada na Coordenação do Curso. O acadêmico que não obtiver a nota estabelecida para a aprovação deverá refazer as disciplinas de TCC I e TCC II, bem como a própria monografia. Caso o acadêmico não compareça à sessão de apresentação e defesa da monografia, deverá justificar o motivo e solicitar à coordenação do Curso a designação de nova data. Os motivos serão avaliados pela Coordenação do Curso, que decidirá pelo deferimento ou indeferimento do pedido. Todos os professores do Curso podem ser convocados a participar de banca examinadora, preferencialmente em suas respectivas áreas de atuação. **Termo de aprovação – É**

um documento oficial da FAECAD que é elaborado após a defesa do trabalho acadêmico. Deve vir logo após a folha de rosto, em página distinta. Contém o nome do autor, título e subtítulo do trabalho, texto de aprovação, nome do orientador e dos membros da banca examinadora, do Coordenado do curso ao qual pertence o aluno, além do local e data de aprovação.

9.1 DIREITOS AUTORAIS, PERFIL DO ALUNO E FICHA CATALOGRÁFICA

- a) direitos autorais – os direitos autorais das versões finais dos trabalhos são da FAECAD, do autor e do professor orientador. O texto padrão para esta nota é apresentado em Arial 12 em negrito e Times New Roman 12, normal;
- b) perfil do aluno – um pequeno perfil do aluno, com no máximo 100 palavras devem ser incluídos contendo os seguintes dados: nome completo, formação universitária (graduação ou pós-graduação), área de pesquisa ou interesse acadêmico, principais projetos e área de atuação profissional atual;
- c) ficha catalográfica – deverão ser solicitados à Biblioteca da FAECAD os dados para compor a ficha catalográfica do trabalho. A mesma deve ser apresentada na forma de um quadro. Deve conter no máximo 10 palavras-chave.

10. ARTIGO CIENTÍFICO

De acordo com o NBR:6022, o artigo científico é uma publicação, com autoria declarada, de natureza técnica e/ou científica. Pode ser usado como TCC ou divulgação em revistas especializadas, no Brasil é a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que qualifica essas revistas com as menções A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C. A estrutura de um artigo é constituída de elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais. Deve ter até vinte laudas, seu caráter é de trazer uma novidade acadêmica, ou seja, deve ser feito por alunos que já possuem um bom nível de conhecimento na área pesquisada. Sua escrita deve ser objetiva e com linguagem técnica, tomando cuidado para não ser reducionista no momento de sua construção. Deve-se sempre ter em mente que um artigo científico é escrito para pessoas que já possuem um conhecimento na área, por isso o autor não precisa ficar retornando a

conceitos básicos do assunto abordado, deve sim, conduzir o leitor justamente para a nova reflexão proposta pelo auto. Para melhor visualização ver **APÊNDICE F – ARTIGO CIENTÍFICO**. segue a estrutura abaixo:

- a) elementos pré-textuais;
 - a. título no idioma do documento (obrigatório);
 - b. título em outro idioma (opcional);
 - c. autor (obrigatório);
 - d. resumo no idioma do documento (obrigatório);
 - e. resumo em outro idioma (opcional);
 - f. datas de submissão e aprovação do artigo (obrigatório);
 - g. identificação e disponibilidade (opcional);

- b) elementos textuais;
 - a. introdução (obrigatório);
 - b. desenvolvimento (obrigatório);
 - c. considerações finais (obrigatório);

- c) elementos pós-textuais;
 - a. referências (obrigatório);
 - b. glossário (opcional);
 - c. apêndice (opcional);
 - d. anexo (opcional);
 - e. agradecimentos (opcional);

11. REFLEXÃO SOBRE A ÉTICA NA PESQUISA

Hoje vivemos uma era de interconectividades, através da internet nós rompemos fronteiras inimagináveis até mesmo para os pesquisadores modernos. A partir desse panorama, novos questionamentos e desafios nos são apresentados. Um desafio que permeia a comunidade acadêmica é o plágio, que parece mais um câncer – termo que pode ser considerado por alguns leitores até expressivo demais para essa

situação, mas que talvez melhor defina o problema – esse problema não é o único, mas é o mais relevante atualmente. O que nos leva a um questionamento dessa nova era de interconectividade, o que é um autor? Essa pergunta não é nova, porque já foi feita por Foucault, contudo, hoje, necessitamos de uma nova reflexão sobre essa pergunta.

Uma era interconectada é uma era que não se restringe as barreiras comunicacionais que tínhamos na modernidade. Não sendo muito relevante o termo – obviamente para esse nosso problema levantado – utilizado pelos sociólogos, se hiper-modernidade por Lipovetsky, pós-modernidade por Vattimo, pós-secularismo por Habermas ou modernidade líquida por Bauman. O que realmente importa para a nossa problemática é o rompimento de barreiras supressoras da linguagem. Isso significa dizer que a internet causa quase que uma onipresença e onisciência dos conhecimentos humanos. Onipresença, pois, permite que estejamos vendo e ouvindo sobre um local que nunca poderíamos visitar pessoalmente, onisciência pois podemos ter acesso a todo o conteúdo colocado na rede.

Mesmo no parágrafo anterior dizendo que não importava o termo, prefiro usar o mais utilizado no nosso contexto brasileiro, que é o da pós-modernidade. Essa era interconectada é uma nova modalidade de diálogo no palco da esfera pública pós-moderna. É importante explicar que uma das características que flutua sobre muitos pesquisadores na pós-modernidade é a flexibilidade da ética, isso significa dizer que, a ética passa a não ser norteadada por uma moralidade sólida ou transcendente como no caso dos religiosos. A ética passa sim a ser norteadada pelo próprio desejo humano, as motivações para essa flexibilização da ética são infinitas, as conjecturas propostas podem ser do tamanho da própria subjetividade humana.

A busca incontrolável pela autossatisfação humana torna o sujeito propenso ao não respeito pelas normas sociais. O sujeito pós-moderno pode tranquilamente infringir uma lei de maneira consciente, desde que ele obtenha o ganho desejado. Entenda que para esse sujeito ele não necessariamente acha que está agindo de maneira errada, pois pensa ele, “se eu não fizer assim não vou conseguir cumprir o meu objetivo”, “desse jeito é mais rápido e prático” ou “tanta gente faz coisa errada e não acontece nada”. Veja que é completamente natural o leitor já ter ouvido alguma dessas afirmações de alguém, senão, até todas as três. É preocupante que uma sociedade seja norteadada pela ideia de autossatisfação, porque se todos tiverem como farol tal

perspectiva, estabeleceríamos um estado de vazio completo quanto a ética norteadora das interações sociais.

O plágio é um excelente exemplo de flexibilização da ética na pós-modernidade. Seria leviano afirmar que o plágio só passou a existir na sociedade interconectada, mas fica claro que ele exacerbou-se em nossos tempos. Poderíamos fazer digressões sobre os motivos do intenso fluxo de apropriações de conhecimentos de terceiros, mas no nosso ambiente universitário, os que mais se destacam é o plágio de material disponibilizado na internet e a cópia indiscriminada de livros, sem uma reflexão adequada ou a correta referência de acordo com as normas da ABNT. Qualquer uma dessas duas práticas é plágio, contudo, plágio não é só isso, sua perspectiva é bem abrangente. Podemos entender como qualquer apropriação de produção de terceiro sem sua devida autorização ou referência, o que não limita a cópia irregular somente a trabalhos universitários, mas também, a qualquer produção humana.

É de suma importância que o aluno entenda que os professores da FAECAD são experientes em suas áreas de pesquisa. Isso significa dizer que, eles atuam por anos no ensino, e essa experiência adquirida com o tempo possibilita uma visão holística sobre o desenvolvimento global do aluno. Na medida em que, fica claro para o professor quando o aluno rompe de maneira abrupta a construção do tecido cognitivo já apresentado pelo próprio aluno. Entenda que não é um prejulgamento nem tão pouco menosprezo da capacidade intelectual do aluno, mas como já foi dito, o professor tem contado direto com o aluno e o aluno vai demonstrando ao longo do tempo seus pontos fortes e fracos, e é papel nosso como professores de lapidar esse diamante bruto que é o estudante.

Da mesma maneira que a internet possibilita para o sujeito de ética flexível o furto de conhecimento de terceiros, ela também disponibiliza ferramentas para a identificação do infrator. Os professores além de conhecerem seus alunos, utilizam programas que discriminam em minutos todas as cópias feitas pelo o pseudo aluno, de tal maneira que além do programa discriminar as cópias feitas pelo sujeito, ele emite automaticamente relatórios para os e-mails do professor, do aluno e se necessário da própria coordenação. Pontua cada um dos *links* utilizados no plágio. Essa descrição não é para soar com tom de ameaça, de maneira nenhuma, é de cunho explicativo e normativo, para que o aluno da FAECAD saiba que ele estuda em uma instituição séria e alinhada com os valores cristãos.

Sobre os valores cristãos citados acima, é com imenso pesar que temos que lembrar ao leitor que o cristão deve sim, respeitar as leis vigentes em nosso país, na verdade deveria ser um exímio cumpridor das mesmas. Em uma instituição de caráter cristão e com a grande maioria de seus alunos sendo cristãos, acreditamos que essa deveria ser a menor de nossas dificuldades, contudo, não nos custa nada lembrar que a “Lei 9.610/98”¹¹ prevê reclusão de três meses a um ano ou multa, para reproduções indevidas de terceiros. Se for comprovado que houve lucro direto ou indireto, essa pena pode evoluir para dois a quatro anos de reclusão. Essa pena não é imposta pela instituição, mas sim pelo próprio Estado brasileiro, cabe a nós respeitarmos as diretrizes do nosso governo.

Após essa breve reflexão sobre o atual contexto social em que estamos inseridos, voltamos ao parágrafo inicial. O que é um autor? Pergunta ainda difícil de ser respondida, mas que temos a pretensão de responder. Entendemos autor acima de tudo aquele que cria algo novo, não do vazio ou do nada, mas sim a partir das interdiscursividades que permeiam a vida acadêmica. Estabelecendo uma relação dialética e ética entre professor e aluno, podemos fazer uma construção ou reconstrução de algo particularmente novo. Esse conhecimento como já foi dito, só será desenvolvido porque outros pesquisadores já trilharam caminhos antes de nós, seguir em partes esses caminhos não é errado, desde que seja respeitado o momento da correta citação.

12. ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

O estágio curricular no curso de Teologia da FAECAD constitui uma exigência curricular do processo de formação profissional e, portanto, um momento de capacitação do discente, que exige um esforço de compreensão da unidade teoria-prática. No Curso de Graduação em Teologia, as atividades de estágio têm por objetivo articular a formação universitária com o ambiente real de atuação, integrando o contexto acadêmico com a formação profissional. Nesse sentido, e de acordo com a matriz

¹¹ BRASIL. **Lei 9.610/98**, de 19 de fevereiro de 1998. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9610.htm>. Acesso em: 31 jul. 2018.

curricular e as DCNs (Diretrizes Curriculares Nacionais), o curso desenvolve atividades de estágio supervisionado.

A excelência do curso para essa prática prevê um professor orientador para práticas de estágio. Os discentes elaboram os planos de atividades e o apresentam em formato de relatórios. O discente que estiver estagiando ou for funcionário de instituição privada, ou pública, também deverá realizar as atividades previstas pelo Regulamento de Estágio.

A articulação com as instituições conveniadas envolve projetos cooperativos que privilegiam o desenvolvimento de competências profissionais dos alunos do curso de Teologia. Os procedimentos referentes ao estágio estão descritos no Regulamento de Estágio do Curso de Teologia, em consonância com os PPC, PDI e Diretrizes Institucionais (que normatizam todas as ações relativas a essa atividade acadêmica) bem como a Lei Nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, que dispõe sobre o Estágio de Estudantes. (DOU de 26/09/2008).

O campo de estágio para o discente do curso de Teologia abrange as Igrejas, Instituições Públicas, Privadas, Entidades Socioassistenciais, Associações de Moradores, Movimentos Sociais, as Organizações Não Governamentais e as Entidades Assistenciais, que desenvolvem atividades compatíveis com as exigências curriculares e pedagógicas do curso.

A escolha de campos de estágio leva em conta as possibilidades de vivências profissionais enriquecedoras, por meio da pluralidade de experiências profissionalizantes, devendo a realidade social ser objeto de estudo constante, com vistas à inserção competente do discente nos espaços de estágios.

Como o estágio possibilita ao acadêmico relacionar os conhecimentos teóricos obtidos no curso com as habilidades práticas, ele não pode ser considerado como disciplina, mas como um espaço prático-profissional para o acadêmico desenvolver as competências específicas da função do administrador, determinando o perfil de sua atuação profissional.

Assim, em virtude de sua importância, há a necessidade de se cumprir requisitos legais e fundamentais para seu pleno desenvolvimento. Entre os principais, que se relacionam com o desenvolvimento das competências do egresso de Teologia, estão as seguintes:

Relação direta entre as competências de formação do egresso e as funções que são desenvolvidas;

- Necessidade de controle e avaliação por parte da entidade concedente, da instituição de ensino e do próprio estagiário;
- Necessidade do acompanhamento das etapas, por professores orientadores de estágio;
- Assinatura dos termos de convênio e de compromisso e do plano de trabalho, que formalizam as práticas de estágio.

CONCLUSÃO

Após tamanha empreitada podemos ter o prazer de apresentar aos alunos da Graduação e Pós-Graduação da FAECAD o nosso manual pronto. É com grande satisfação e desejo de constante melhora que esse manual foi idealizado, temos profundo respeito pelos nossos alunos e desejamos que eles possam ruminar essa leitura da melhor maneira possível, acreditamos que nossos professores também farão o mesmo. Pois um dos princípios dos educadores é o eterno aprendizado, nós nunca deveríamos parar de aprender, e esse princípio temos o dever de ensinar aos nossos alunos.

Quanto aos alunos, pedimos que leiam com atenção, desde aqueles que estão iniciando no primeiro período até aqueles que já estão concluído seu TCC, seja na Graduação ou Pós-Graduação. Aos que estão no início de sua caminhada acadêmica pedimos persistência aos novos desafios enfrentados no ambiente acadêmico, pois garantimos que os funcionários da FAECAD estão dando o seu melhor para auxiliá-los. Aos que estão na parte final do seu TCC, desejamos mais gana para aprender cada vez mais, contribuindo com os conhecimentos adquiridos para transformação da nossa sociedade.

Quanto aos professores pedimos que respeitem esse manual, pois é de utilização obrigatória da instituição. Recomendamos que todos os professores tenham como fonte normativa para avaliações dos alunos o referido material, pois foi elaborado a partir das normais atualizadas pela ABNT, sendo assim, não haverá necessidade de utilização de materiais externos ao da instituição. Acreditamos que todo material acadêmico é passível de crítica, por isso estamos sempre sensíveis para ouvir sugestões dos nossos colaboradores

Quanto a instituição FAECAD, agradecemos o privilégio de poder trabalhar em um ambiente agradável em todas as suas instâncias. Novos desafios surgem a todo momento, por isso devemos saber enfrentá-los com hombridade e dignidade pertinente aos valores cristãos que presamos. Temos o intuito de sempre colaborar com nossa capacidade técnica para uma curadoria do que temos de mais valioso, ou seja, os nossos alunos, pois sem eles não teríamos razão de existir. Que Deus abençoe a todos e bons estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABNT, NBR 6022. **Artigo em publicação periódica técnica e/ou científica – apresentação**. Rio de Janeiro: ABNT, 2018.

ABNT, NBR 6023. **Referências – Elaboração**. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

ABNT, NBR 6027. **Sumário – apresentação**. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.

ABNT, NBR 6028. **Resumo – apresentação**. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.

ABNT, NBR 15287. **Projeto de pesquisa – apresentação**. Rio de Janeiro: ABNT, 2011.

BRASIL. **Lei 9.610/98**, de 19 de fevereiro de 1998. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9610.htm>. Acesso em: 31 jul. 2018.

DALBERIO, Osvaldo; DALBERIO, Maria Célia Borges. **Metodologia Científica: desafios e caminhos**. São Paulo: Paulus, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 27. ed. São Paulo: Cortez editora, 2007.

APÊNDICE C – RESENHA

FACULDADE EVANGÉLICA DE TECNOLOGIA, CIÊNCIAS E BIOTECNOLOGIA DA
CGADB – FAECAD

CURSO DE TEOLOGIA

Professor:

Aluno:

Data: 26 de abril de 2021

RESENHA

Referência:

LAGES, Brayan de Souza. Monopólio Religioso Militar: intolerância e gênero na capelania. In: Nogueira, Maria Carla dos Santos e ROSA, André Luís da (org). **Interdisciplinaridade e Religião**: Um olhar das diversas áreas do conhecimento. Goiânia: Mundial Gráfica, 2017.

A resenha não tem limite de laudas, contudo, deve ser respeitado uma proporcionalidade entre o tamanho do texto analisado e a capacidade cognitiva do aluno de criticá-lo. Quanto a sua forma, ele é dividido em parágrafos relativamente homogêneos, sua estrutura é escrita a partir de uma introdução, desenvolvimento e por fim uma conclusão. Na introdução o aluno deve colocar os principais pontos do texto lido e justificar a sua relevância, uma outra maneira de se fazer a introdução é explicar sobre a vida e obra do autor. O desenvolvimento serve para desenvolver as ideias já introduzidas anteriormente, de maneira que se justifique suas colocações. Por fim, na conclusão deve-se fazer uma crítica acadêmica inteligível sobre os pontos introduzidos e desenvolvidos.

A resenha não tem limite de laudas, contudo, deve ser respeitado uma proporcionalidade entre o tamanho do texto analisado e a capacidade cognitiva do aluno de criticá-lo. Quanto a sua forma, ele é dividido em parágrafos relativamente homogêneos, sua estrutura é escrita a partir de uma introdução, desenvolvimento e por fim uma conclusão. Na introdução o aluno deve colocar os principais pontos do texto lido e justificar a sua relevância, uma outra maneira de se fazer a introdução é explicar sobre a vida e obra do autor. O desenvolvimento serve para desenvolver as ideias já

introduzidas anteriormente, de maneira que se justifique suas colocações. Por fim, na conclusão deve-se fazer uma crítica acadêmica inteligível sobre os pontos introduzidos e desenvolvidos.

A resenha não tem limite de laudas, contudo, deve ser respeitado uma proporcionalidade entre o tamanho do texto analisado e a capacidade cognitiva do aluno de criticá-lo. Quanto a sua forma, ele é dividido em parágrafos relativamente homogêneos, sua estrutura é escrita a partir de uma introdução, desenvolvimento e por fim uma conclusão. Na introdução o aluno deve colocar os principais pontos do texto lido e justificar a sua relevância, uma outra maneira de se fazer a introdução é explicar sobre a vida e obra do autor. O desenvolvimento serve para desenvolver as ideias já introduzidas anteriormente, de maneira que se justifique suas colocações. Por fim, na conclusão deve-se fazer uma crítica acadêmica inteligível sobre os pontos introduzidos e desenvolvidos.

A resenha não tem limite de laudas, contudo, deve ser respeitado uma proporcionalidade entre o tamanho do texto analisado e a capacidade cognitiva do aluno de criticá-lo. Quanto a sua forma, ele é dividido em parágrafos relativamente homogêneos, sua estrutura é escrita a partir de uma introdução, desenvolvimento e por fim uma conclusão. Na introdução o aluno deve colocar os principais pontos do texto lido e justificar a sua relevância, uma outra maneira de se fazer a introdução é explicar sobre a vida e obra do autor. O desenvolvimento serve para desenvolver as ideias já introduzidas anteriormente, de maneira que se justifique suas colocações. Por fim, na conclusão deve-se fazer uma crítica acadêmica inteligível sobre os pontos introduzidos e desenvolvidos.

A resenha não tem limite de laudas, contudo, deve ser respeitado uma proporcionalidade entre o tamanho do texto analisado e a capacidade cognitiva do aluno de criticá-lo. Quanto a sua forma, ele é dividido em parágrafos relativamente homogêneos, sua estrutura é escrita a partir de uma introdução, desenvolvimento e por fim uma conclusão. Na introdução o aluno deve colocar os principais pontos do texto lido e justificar a sua relevância, uma outra maneira de se fazer a introdução é explicar sobre a vida e obra do autor. O desenvolvimento serve para desenvolver as ideias já introduzidas anteriormente, de maneira que se justifique suas colocações. Por fim, na conclusão deve-se fazer uma crítica acadêmica inteligível sobre os pontos introduzidos e desenvolvidos.

APÊNDICE D – PPC

**FACULDADE EVANGÉLICA DE TECNOLOGIA, CIÊNCIAS E BIOTECNOLOGIA
DA CGADB – FAECAD**

NOME COMPLETO DO ALUNO

TÍTULO DA OBRA

GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

RIO DE JANEIRO

2021

NOME COMPLETO DO ALUNO

TÍTULO DA OBRA

Projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Graduação em Teologia da Faculdade Evangélica de Tecnologia, Ciências e Biotecnologia da CGADB como instrumento parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, em março de 2021.

Orientador: Prof. Dr. Nelson Célio de Mesquita Rocha.

RIO DE JANEIRO

2021

SUMÁRIO

1 IDENTIFICAÇÃO DO ALUNO.....	3
2. TEMA.....	3
3. ASSUNTO.....	3
4. DELIMITAÇÃO DO ASSUNTO.....	3
5. PROBLEMÁTICA.....	4
6. HIPÓTESES.....	4
7. OBJETIVO GERAL.....	4
8. ROTEIRO TEMÁTICO.....	4
9. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	5
10. JUSTIFICATIVAS.....	5
11. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	6
12. CRONOGRAMA.....	6
13. REFERÊNCIAS.....	7

1. IDENTIFICAÇÃO DO ALUNO

Nome: Brayan de Souza Lages

Endereço: xxx xxxxxxxx xxxxxxxx xxxxxxxx

Telefones: (xx) xxxx-xxxxx

E-mail: brayanlages@gmail.com

Resumo do currículo Lattes:

Graduação em Administração pela Universidade do Grande Rio (2011). Graduação Teologia pela FAECAD (2014). Mestrado em Ciências da Religião pela UNIDA (2016). Pós-Graduando em Teologia do Antigo Testamento pela UNIDA (2017). Tem experiência na área de Ciências da Religião com ênfase em Sociologia e Antropologia, Metodologia Científica, atuando no principalmente nos seguintes temas: Militarismo e religião, pentecostalismo e neopentecostalismo, religião e pós-modernidade, ética e religião e religião na esfera pública. Atuação como professor da graduação e pós-graduação na FAECAD desde 2017.

2. TEMA

O ensino religioso no Brasil.

3. ASSUNTO

Práticas metodológicas do ensino religioso brasileiro.

4. DELIMITAÇÃO DO ASSUNTO

A presente pesquisa se delimitará na análise da plausibilidade do método de ensino religioso adotado em forma de Lei orgânica pelo município do Rio de Janeiro. Tem como base a Lei 3.459 de 14 de setembro de 2000.

5. PROBLEMÁTICA

Em quais circunstâncias é possível afirmar que o método de ensino religioso confessional é danoso ao diálogo inter-religioso em relação ao método de ensino fenomenológico?

6. HIPÓTESES

A sociedade brasileira é notavelmente plural, dessa maneira vê-se que possuímos diversas religiões diferentes em nosso país. Isso significa dizer que o Estado não tem condições logísticas e financeiras para proporcionar um ensino religioso confessional, na medida em que sua proposta seja de atender a multiculturalidade presente na nação. O caminho que parece mais adequado é o do modelo de ensino fenomenológico, pois não é proselitista nem catequético, também não exige a presença de nenhum representante religioso. Pelo contrário, o professor da disciplina deve na verdade apresentar a análise do fenômeno religioso de maneira idônea e sem juízo de valor. O modelo fenomenológico, diferentemente do confessional diminui conflitos, tais como: a) entre pais e a escola, pois a escola pode não possuir o professor que seja da mesma religião que a da família, b) entre alunos na sala de aula, pois ao contrário da catequese, o professor deve estimular o diálogo entre as diferentes religiões em sala, trazendo mais civilidade e cidadania para seus alunos. Por fim, o modelo de ensino fenomenológico é acadêmico, sendo assim, necessita de um mercado de trabalho para o seu desenvolvimento e contribuição social.

7. OBJETIVO GERAL

Analisar o modelo de ensino religioso confessional frente o modelo de ensino religioso fenomenológico.

8 ROTEIRO TEMÁTICO

O primeiro capítulo tem por objetivo descrever a problemática da pesquisa, através da análise da Lei 3.459 de 14 de setembro de 2000. Tendo também as contribuições de Junqueira acerca do processo histórico da implantação e

desenvolvimento do ensino religioso no Brasil. Encarando esse processo histórico de maneira progressiva e continuada, no que se refere ao modelo confessional. Utiliza-se também as contribuições de Nogueira para compreender como o fenômeno religioso se estabelece como linguagem na sociedade.

O segundo capítulo tem por objetivo apresentar um horizonte teórico especializado no ensino religioso. Compreendendo a necessidade de um verdadeiro diálogo inter-religioso pelos alunos nas salas de aula, para isso utiliza-se das perspectivas de Panasiewicz. Ainda se utilizando das contribuições de Junqueira, busca-se apresentar o modelo fenomenológico como mais plausível ao diálogo no ambiente de ensino, através de sua experiência de anos de pesquisa sobre o objeto, observa-se que o modelo fenomenológico é mais adequado a realidade brasileira.

No terceiro e último capítulo, busca-se analisar em quais circunstâncias o modelo de ensino religioso confessional pode ser danoso em relação ao modelo de ensino fenomenológico. Busca-se demonstrar através de Habermas que, a religião não deve de maneira nenhuma se privatizar, ao contrário, deve sempre estar no debate da esfera pública, isso significa dizer que a escola é um espaço público e carece de discussões sobre o assunto. Não é intenção desmerecer a religião, devemos sim compreender qual é a sua contribuição para a sociedade laica.

9. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Descrever o processo histórico e cultural da implantação do ensino religioso confessional no Brasil.

Apresentar o modelo de ensino fenomenológico como potencializador do diálogo inter-religioso no ambiente de ensino carioca.

Analisar qual o melhor modelo de ensino religioso para o diálogo inter-religioso, tanto dentro da escola com os alunos, como fora de sala de aula com os pais.

10. JUSTIFICATIVAS

Quando a instância pessoal, sou professor de ciências da religião, tenho paixão pela ciência que julgo ser a mais plural e democrática que conheço. Devido a essa aproximação acadêmica tenho também um olhar externo ao fenômeno religioso, isso permite enxergar que mesmo sendo cristão eu não desejo que nenhuma criança seja

catequisada por alguma religião, mesmo que o professor diga que professa a mesma fé que a minha. Hoje não há como falar somente de um cristianismo, mas sim, de cristianismo. São tantos movimentos pseudo cristãos que fica difícil saber quem é quem, mesmo o indivíduo alegando professar a mesma fé que a minha, portanto, acredito que a melhor maneira de se ter um ensino religioso adequado é o fenomenológico.

Art. 1º - O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina obrigatória dos horários normais das escolas públicas, na Educação Básica, sendo disponível na forma confessional de acordo com as preferências manifestadas pelos responsáveis ou pelos próprios alunos a partir de 16 anos, inclusive, assegurado o respeito à diversidade cultural e religiosa do Rio de Janeiro, vedadas quaisquer formas de proselitismo.¹²

Quanto a instância acadêmica, continuo com o argumento de ser professor pós-graduado em ciências da religião, e reafirmo isso pois tenho noção da complexidade e sensibilidade do tema ensino religioso. A boa pesquisa sempre contribui de alguma forma para a produção e disseminação de conhecimento, devido a fluidez da nossa sociedade as perspectivas mudam muito rápido, axiomas são mudados e paradigmas desfeitos. Sendo assim, pesquisar sobre o melhor método para o ensino religioso no município do Rio de Janeiro pode não só trazer alguma contribuição para a localidade estudada, mas também como escopo e referência de pesquisa para outras localidades.

A compreensão da religião como objeto de ensino religioso, esta compreendida como o estudo das diferentes manifestações que interferem na formação da sociedade e que são estudadas pela Ciência da Religião no espaço acadêmico, subsidia a transposição didática para o cotidiano da sala de aula que favorecerá aos estudantes da educação básica a compreensão da cultura das diferentes comunidades que formaram o país. Portanto, a Ciência da Religião é a área que constituirá os fundamentos para o ensino religioso orientar seu conteúdo e sua forma no processo da educação.¹³

¹² RIO DE JANEIRO, **Lei 3.459** de 14 de setembro de 2000. Assembleia Legislativa Estadual. Disponível em: <[http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/con-
tlei.nsf/e9589b9aabd9cac8032564fe0065abb4/16b2986622cc9dff0325695f00652111?OpenDocument](http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/con-
tlei.nsf/e9589b9aabd9cac8032564fe0065abb4/16b2986622cc9dff0325695f00652111?OpenDocument)> Acesso em: 31 jul. 2018.

¹³ JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. Ciência da Religião aplicada ao ensino religioso. In: PASSOS, João Décio. USARSKI, Frank (orgs). **Compendio de ciência da religião**. São Paulo: Paulus/Paulinas, 2013, p. 609.

Quando a instância social, o sujeito enquanto ser social carece de interação sadia, e para fazer uma boa interação, não vejo como melhor forma o diálogo. A sociedade brasileira tem se mostrado deveras intransigente, principalmente quando o assunto é religião. É papel do pesquisador trazer dados quantificados e qualificados para enriquecimento do debate do cidadão na esfera pública. Não se deve ocultar do sujeito a possibilidade democrática da sua participação na construção de seu país. Ainda mais quando se refere ao ensino, que parece uma das áreas em que se vê mais desleixo pelos representantes públicos. Em Habermas vemos que "a Teoria da ação comunicativa não é um projeto filosófico, mas a fundamentação de uma teoria da sociedade"¹⁴. Sendo assim, é possível afirmar que através de uma sociedade mais dialogal podemos sim ter uma sociedade comunicativa.

11. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa se utilizará do método bibliográfico. Buscando em livros, artigos e textos especializados no assunto.

12. CRONOGRAMA

- Cursar a disciplina de TCC – de julho a dezembro de 2021.
- Leitura dos textos – de julho a agosto de 2021.
- Escrever o primeiro capítulo – agosto de 2021.
- Escrever o segundo capítulo – setembro de 2021.
- Escrever o terceiro capítulo – outubro de 2021.
- Escrever a conclusão, introdução e resumo – novembro de 2021.
- Revisão teórica, de normas e ortográfica – dezembro de 2021.
- Entrega do TCC – dezembro de 2021.

¹⁴ HABERMAS, Jürgen. **Fé e Saber**. Tradução de Fernando Costa Mattos. São Paulo: Unesp, 2013. p. 40.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORRÉA, Rosa L. T. HOLANDA, Ângela M. R. JUNQUEIRA, Sérgio R. A. **Ensino religioso: Aspectos legal e curricular.** São Paulo: Paulinas, 2007.

HABERMAS, Jürgen; MATTOS, Fernando Costa. **Fé e saber.** São Paulo: Unesp, 2013.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. Ciência da Religião aplicada ao ensino religioso. In: PASSOS, João Décio. USARSKI, Frank (orgs). **Compendio de ciência da religião.** São Paulo: Paulus/Paulinas, 2013.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. **O processo de escolarização do ensino religioso no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 2002.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (org). **Linguagens da religião: desafios, métodos e conceitos centrais.** São Paulo: Paulinas, 2012.

PANASIEWICZ, Roberlei. **Pluralismo religioso contemporâneo: diálogo inter-religioso na teologia de Claude Geffré.**

RIO DE JANEIRO, **Lei 3.459** de 14 de setembro de 2000. Assembleia Legislativa Estadual. Disponível em : <<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/contlei.nsf/e9589b9abd9cac832564fe0065abb4/16b2986622cc9dff0325695f00652111?OpenDocument>>. Acesso em: 31 jul. 2018.

APÊNDICE E – MONOGRAFIA

**FACULDADE EVANGÉLICA DE TECNOLOGIA, CIÊNCIAS E BIOTECNOLOGIA
DA CGADB – FAECAD**

NOME COMPLETO DO ALUNO

TÍTULO DA MONOGRAFIA

GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

RIO DE JANEIRO

2021

NOME COMPLETO DO ALUNO

TÍTULO DA MONOGRAFIA

Monografia apresentada ao Programa de Graduação em Teologia da Faculdade Evangélica de Tecnologia, Ciências e Biotecnologia da CGADB como instrumento parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, em março de 2021.

Orientador: Prof. Dr. Nelson Célio de Mesquita Rocha.

RIO DE JANEIRO

2021

NOME COMPLETO DO ALUNO**TÍTULO DA OBRA**

Monografia apresentada ao Programa de Graduação em Teologia da Faculdade Evangélica de Tecnologia, Ciências e Biotecnologia da CGADB como instrumento parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, em março de 2018.

Nelson Célio de Mesquita Rocha – Doutor em Teologia – FAECAD

Esdras Costa Benthó – Mestre em Teologia – FAECAD

Brayan de Souza Lages – Mestre em Ciências da Religião - FAECAD

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	4
1. TÍTULO DO CAPÍTULO 1.....	5
2. TÍTULO DO CAPÍTULO 2.....	14
3. TÍTULO DO CAPÍTULO 3.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	33

APÊNDICE F – ARTIGO CIENTÍFICO

METODOLOGIA CIENTÍFICA: AS DIFICULDADES DA INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS ACADÊMICOS

Brayan de Souza Lages¹⁵

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar as dificuldades que os alunos iniciados no ambiente acadêmico têm quanto a interpretação de textos técnicos. A motivação desta pesquisa foi devido ao relatório do Banco Mundial no ano de 2018, alertando para o fato de que o Brasil ainda vai demorar 260 anos para alcançar o nível de leitura dos países desenvolvidos. A partir desse dado, pretende-se analisar a capacidade de interpretação de textos técnicos dos alunos do primeiro período da matéria de metodologia científica. A hipótese levantada nessa pesquisa é de que nunca na história o brasileiro leu-se tanto, contudo, o que acaba fragilizando esse dado quantitativo é justamente sua oposição qualitativa, pois o que o brasileiro mais lê são textos nas redes sociais. Isso significa dizer que, o que mais alimenta intelectualmente são textos produzidos por pessoas não sabedoras do português correto. Essa retroalimentação acaba por influenciar os alunos de nível superior, que por sua vez não foram apresentados a uma literatura condizente com as novas necessidades da realidade acadêmica. Acredita-se que a maneira mais sólida para mudar esse quadro é a introdução da literatura brasileira de forma didática nas escolas brasileiras, desde a alfabetização até o nono ano.

Palavras-chave: Leitura. Texto. Dificuldades. Aluno.

¹⁵ Mestre em Ciências das Religiões pela faculdade UNIDA, Graduado em Teologia pela FAECAD, Graduado em Administração pela UNIGRANRIO. Professor de Metodologia Científica e Ciências da Religião na graduação e pós-graduação da FAECAD. E-mail: brayanlages@gmail.com. Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Faculdade Evangélica de Tecnologia, Ciências e Biotecnologia da CGADB como instrumento parcial para obtenção do título de Especialista em Ciências da Religião. Artigo submetido em 17 de julho de 2018. Professor orientador: Dr. Nelson Célio de Mesquita Rocha.

ABSTRACT

The aim of this article is to analyze the difficulties students have in the academic environment regarding the interpretation of technical texts. The motivation of this research was due to the World Bank report in 2018, warning that Brazil will still take 260 years to reach the reading level of developed countries. From this data, we intend to analyze the ability of interpretation of technical texts of the students of the first period of the subject of scientific methodology. The hypothesis raised in this research is that never in history has the Brazilian read so much, however, what ends up weakening this quantitative data is precisely its qualitative opposition, since what Brazilians most read are texts in social networks. That is to say, what is most intellectually nourishing are texts produced by people who do not know the correct Portuguese. This feedback ultimately influences upper-level students, who in turn have not been introduced to a literature consistent with the new needs of academic reality. It is believed that the most solid way to change this picture is the introduction of Brazilian literature in a didactic way in Brazilian schools, from literacy to the high school.

Key words: Reading. Text. Difficulties. Student.

INTRODUÇÃO

É a parte inicial do artigo na qual devem constar a delimitação do assunto tratado, os objetivos da pesquisa e outros elementos necessários para situar o tema do artigo. Recomenda-se uma lauda completa de introdução.

1 A LEITURA NAS REDES SOCIAIS

Recomendam-se quatro laudas para cada capítulo, num total de três capítulos. Os subcapítulos devem respeitar uma proporcionalidade em cada um dos outros capítulos. Quanto as regras gerais, ver tópico 2.14.

2 DIFICULDADES DA INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS TÉCNICOS

Recomendam-se quatro laudas para cada capítulo, num total de três capítulos. Os subcapítulos devem respeitar uma proporcionalidade em cada um dos outros capítulos. Quanto as regras gerais, ver tópico 2.14.

3 O PROBLEMA DA NÃO PREPARAÇÃO LITERÁRIA

Recomenda-se quatro laudas para cada capítulo, num total de três capítulos. Os subcapítulos devem respeitar uma proporcionalidade em cada um dos outros capítulos. Quanto as regras gerais, ver tópico 2.14.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É a parte final do artigo, na qual se apresentam as considerações correspondentes aos objetivos e/ou hipóteses. Recomenda-se uma lauda completa de considerações finais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Conforme o capítulo 4.